

Cândido Rodrigues: limão doce

Foto: divulgação Prefeitura

Ao contrário da maioria dos municípios paulistas, não foi em torno de uma capela que surgiu Cândido Rodrigues, mas sim em torno da estação ferroviária. A localidade, então chamada "Campinho", estava no caminho da Estrada de Ferro Araraquarense, em sua expansão rumo a Catanduva. Seus habitantes, todos colonos, viram ali uma oportunidade de crescimento para a agricultura e o comércio local. Compraram terras para doar para a construção da estação. Estavam certos. Nos lotes ao redor da estação surgiram casas, hospedaria e um comércio razoável com farmácia, beneficiamento de café e arroz, moinho de fubá e até uma cervejaria. A agricultura deslanchou. Em 1908 o primeiro trem parou na então Albuquerque Lins, mais tarde chamada de Cândido Rodrigues, uma homenagem ao Secretário da Agricultura de São Paulo à época. A emancipação da cidade, antes pertencente a Taquaritinga, aconteceu em 1959.

A agricultura sempre foi a principal atividade econômica de Cândido Rodrigues. Das quase 300 propriedades rurais, 180 têm até 20 hectares. A diversificação de culturas é uma das características dos produtores locais, com predileção para a fruticultura. Na maioria das propriedades quem toca o negócio é a família, com a contratação de pouca mão de obra terceirizada.

Mas emprego não é problema na cidade de pouco mais de 3.000 habitantes. Quase 70% dos moradores estão satisfeitos neste quesito, segundo pesquisa da prefeitura municipal, a maior empregadora com quase 200 postos de trabalho. A agroindústria regional é outra grande empregadora. A prefeitura tem estimulado e contribuído com a construção de galpões para que empresas se instalem na cidade. Foi assim que atraiu uma confecção de calças masculinas que hoje emprega 75 pessoas, e capacita outras para trabalhos terceirizados; uma fábrica de compotas, que entrará em atividade a partir do segundo semestre, e vai empregar mais 50 pessoas. Três outros galpões em construção estão com ocupação garantida. Um deles vai abrigar uma associação de produtores de limão para facilitar o beneficiamento e a comercialização de um dos



Prefeitura Municipal de Cândido Rodrigues

principais produtos da cidade. O grupo do limão ainda possui uma cooperativa que, em parceria com o Sebrae-SP, está capacitando os produtores em Boas Práticas Agrícolas e ações de marketing nacional e internacional. No início do ano o grupo participou, em Berlim, da Fruit Logistic para fazer contatos com os interessados no limão brasileiro. É um trabalho de médio prazo que parece promissor. Enquanto isso, parte das propriedades divide a fruticultura com a cana-de-açúcar, uma opção que garante renda enquanto o mercado externo não se concretiza.

Será mais uma fonte de arrecadação para a cidade, pequena, que depende em quase 90% das verbas repassadas do Fundo de Participação dos Municípios e do ICMS. O repasse de verbas despencou quase 30% em 2009, por isso a prefeitura, mais do que nunca, tem buscado atrair novos investimentos para não perder a qualidade de vida que a cidade conquistou.

100% das ruas são pavimentadas e iluminadas. A rede de água e esgoto é de responsabilidade da Sabesp e atende a

totalidade da cidade. O lixo é depositado em aterro em vala, mas uma usina de reciclagem está nos planos de curto prazo. A busca por verba está em andamento.

O déficit habitacional é pequeno, cerca de 100 casas. Outras 102 estão em construção. O número é modesto, reconhece a administração municipal, e existe verba para a construção, mas a prefeitura não tem recursos para a compra do terreno.

Na área da Saúde Cândido Rodrigues ganhará uma nova unidade de atendimento em julho próximo. Com quase mil metros quadrados a unidade vai complementar o atendimento local, com centro de fisioterapia, inclusive hidroterapia, exames de imagem e centro de odontologia. Já existem duas unidades em funcionamento e o município conta com o Programa de Saúde da Família.

A Rede Municipal de Educação usa, desde 2006, material didático apostilado. A reciclagem e a atualização dos professores é feita pela mesma rede particular de ensino que produz o material. Do pré à 8ª série todos os alunos são atendidos. O ensino médio fica por conta da Rede Estadual de Educação. Para melhorar o aprendizado dos jovens e abrir as janelas da cidade para o mundo, a prefeitura municipal de Cândido Rodrigues vai disponibilizar acesso gratuito de internet, via rádio, dentro do Município. O link deverá ter a velocidade mínima de 64 Kbps, e vai atender tanto ao usuário comum como as empresas do município. Cândido Rodrigues é uma cidade aberta para as oportunidades.



Agronegócio é uma publicação oficial, mensal, da Associação Brasileira do Agronegócio da Região de Ribeirão Preto - ABAG/RP, Av. Presidente Vargas, 2.001, sala 87, CEP 14020-260, Ribeirão Preto-SP. Fones: (16) 3623-2326 e 3620-9303. Site: www.abagr.org.br. E-mail: abag_rp@netsite.com.br. Diretora-executiva: Mônica Bergamaschi. Jornalista responsável: Valéria Ribeiro, MTb 15.626. Editoração: Fernando Braga. Impressão e fotolito: Gráfica São Francisco. Tiragem: 2.800 exemplares



Setor sucroalcooleiro: bons ventos virão

Por sua importância no cenário sucroalcooleiro do Brasil, Ribeirão Preto foi escolhida para sediar a Reunião Anual da Canaplan, evento realizado para a divulgação dos dados do Projeto Safra. As perspectivas para a safra 2009/10 para a região Centro-Sul foram apresentadas e analisadas sob diferentes aspectos: no agrícola, detalhando pontos como tratamentos culturais, irrigação e mecanização; e no econômico, com um olhar mais aguçado nas condicionantes macro e seus reflexos nos mercados de açúcar e etanol.

O levantamento de informações feito mensalmente pela Canaplan, em parceria com unidades industriais associadas, acompanha a evolução da produção na região Centro-Sul do Brasil, responsável por cerca de 90% da moagem de cana do país, e culmina com a divulgação dos dados no início da nova safra para oferecer subsídios técnicos e mercadológicos para toda a cadeia produtiva da cana-de-açúcar, que tem se comportado de maneira distinta a cada ano safra.

Participaram da amostra 104 unidades industriais, sendo 73 em seis regiões do Estado de São Paulo: Araçatuba, Assis, Catanduva, Jaú, Piracicaba e Ribeirão Preto; 6 no Paraná; 9 em Minas Gerais; 2 no Espírito Santo; 3 no Mato Grosso; 4 no Mato Grosso do Sul e 7 em Goiás. Segundo Luiz Carlos Corrêa Carvalho, diretor da Canaplan, o posicionamento frente ao mercado é crucial para o desenvolvimento do trabalho: "A cada ano o setor está mais complexo, e tentar manter a qualidade dos dados obtidos é fundamental, principalmente num setor tão pulverizado quanto o sucroalcooleiro", comentou satisfeito com a concordância dos dados apresentados pelos diversos palestrantes convidados.

Para Luiz Carlos Corrêa Carvalho a tendência é de melhoria da renda. A questão é conseguir passar os três primeiros trimestres do ano nos quais o preço do açúcar já mostrou recuperação, e esperar o equilíbrio do preço do etanol nos próximos meses.



Reunião para divulgação do Projeto Safra 2009/10 da Canaplan

Segundo Ismael Perina, Presidente da Orplana, Organização dos Plantadores de Cana da Região Centro-Sul do Brasil, hoje quase todos os produtores estão enfrentando dificuldades financeiras. Os que apostaram recentemente na cultura da cana-de-açúcar são os que mais sofrem. "O preço cheio da tonelada de cana é de R\$ 52,00, e estamos conseguindo vender a R\$ 39,00/R\$ 40,00, pelo menos. O operacional está coberto às custas do uso menor de tecnologia e do adiamento da renovação dos canaviais. Nunca o produtor foi tão grande formador de passivos junto às cooperativas de crédito".

O cenário referência para a safra 09/10 é de pouco mais de 550 milhões de toneladas de cana colhida, sendo quase 25 milhões referentes a sobras da safra passada. A queda de produtividade prevista será compensada pelo aumento de área colhida, 2,7%, ou seja de 5,84 milhões de hectares para 6 milhões. O mix de produção aponta para um ligeiro aumento na opção por açúcar, 43%, e 57% de etanol.

Já para a safra 10/11 os grandes complicadores serão a quantidade e a qualidade da matéria prima ofertada, pela forçosa renovação de área maior para compensar o que não foi renovado na safra 08/09, e manejo feito com menos tecnologia. Em

compensação pode haver uma recuperação forte dos preços.

O Brasil continuará competitivo? Esta foi uma das grandes discussões. Dados preliminares de um estudo feito em parceria entre a Canaplan e a consultoria LMC Internacional foram apresentados por Martin Todd.

As más notícias: o custo de produção no Brasil cresce desde 2001. No passado isto não fazia diferença já que o Brasil era o único país a crescer em produção de açúcar e etanol. O mercado foi prejudicado em 2007 e 2008 por conta do preço artificial da gasolina, que limita o preço potencial do etanol, e pela exportação de açúcar pela Índia. As boas notícias: o Brasil entrará em fase de melhor rentabilidade, com custos de produção melhores e queda no valor do Real, o que deve refletir no mercado em 2009/10. A Índia vai importar açúcar, o que pode diminuir a quantidade de etanol disponibilizado.

O resultado final do trabalho Canaplan/LCM será divulgado até o início de junho, com uma avaliação de como a previsão de preços de açúcar, etanol e energia elétrica, combinados com a localização e o mix de produtos, influenciarão a avaliação dos ativos do setor cana no Brasil em médio prazo.



Agrishow ficou! Até quando?

No segundo semestre de 2008 a cidade de Ribeirão Preto recebeu a notícia que menos esperava: em 2009 a Agrishow seria realizada pela última vez na cidade, depois de 16 anos de sucesso. A feira seria transferida para São Carlos, por conta de um projeto maior que envolveria a criação da “Cidade da Bioenergia”, com um apoio financeiro do Governo Federal da ordem de R\$ 50 milhões. A briga de bastidores acabou na mídia. A ABIMAQ, sócia majoritária da feira, e o prefeito de São Carlos sustentaram a mudança até 20 dias antes do início do evento, e somente na coletiva à imprensa, no dia 20 de abril, é que o presidente do Conselho Consultivo da Agrishow, Cesário Ramalho, admitiu que a feira em 2010 também seria realizada em Ribeirão Preto. Na sequência o Secretário da Agricultura e Abastecimento de São Paulo, João Sampaio, anunciou a assinatura de um protocolo de intenções, com a cessão da área do Instituto Agrônomo de Campinas (IAC) para a realização da feira até 2014, o que, em tese, prolonga a permanência da feira na cidade até lá.

Mas será que a Agrishow fica em Ribeirão Preto? Se depender da vontade da administração municipal e dos expositores, a resposta é sim. Afinal, é um dos principais eventos da cidade e movimenta a economia de toda a região. Em seu favor a cidade tem uma excelente infraestrutura de hotéis, restaurantes e uma logística que agrada a maioria. A própria cidade é um atrativo, mas a ameaça dos organizadores de tirar a feira de Ribeirão Preto acontece há muito tempo, por conta do crescimento do empreendimento, das restrições para sua montagem em uma área pública de pesquisa, do aviltamento dos preços nos hotéis e na prestação de outros serviços, para citar alguns argumentos.

A história de sucesso da Agrishow se funde com o crescimento e o reconhecimento da importância do agronegócio brasileiro, principalmente a partir de 1999, com a desvalorização do real frente ao dólar, que marcou o início da retomada do desenvolvimento. Neste mesmo ano o setor ganhou um novo fôlego, com

a securitização das dívidas agrícolas, e o esboço do Programa Moderfrota, voltado para a modernização da frota e dos implementos agrícolas. O Programa começou a vigorar em fevereiro de 2000. Com o início das operações do Moderfrota, a Agrishow decolou e se firmou como o principal evento de difusão de tecnologia para o campo, passagem obrigatória para o produtor que quisesse acompanhar essa evolução, e para o fabricante que desejasse demonstrar a eficácia de seu produto, de maneira dinâmica, para um público não apenas regional, mas de todos os estados do Brasil.

Os quatro anos seguintes, marcados pela expansão da fronteira agrícola e pela explosão na produção de grãos foram espetaculares.

Segundo a organização da feira, em 2003 a Agrishow alcançou seu ápice de público, 145 mil visitantes. Em 2004 atingiu seu recorde de negócios, R\$ 1,288 bilhão. Outras Agrishows foram criadas entre 2002 e 2004: Cerrado, em Rondonópolis, MT; Comigo, em Rio Verde, GO; e Luís Eduardo Magalhães, BA. A ideia era levar os fabricantes para mais perto da nova fronteira agrícola. Mesmo acontecendo em datas próximas à Agrishow de Ribeirão Preto, as três feiras nunca ofuscaram a paulista. Em Ribeirão o foco, segundo os fabricantes, sempre foi a oportunidade de ver e ser visto, de se afirmar institucionalmente e politicamente, e não apenas a concretização de negócios. Políticos de todos os estados do Brasil, ligados ou não ao setor, marcavam presença. Delegações estrangeiras, comerciais e diplomáticas, aproveitavam a feira para conhecer melhor o agronegócio brasileiro. Ponto de encontro entre revendedores e produtores, momento ideal para caprichar no institucional, tanto público quanto privado, vitrine nacional e internacional, pauta de toda a imprensa, afinal os fabricantes



Vista aérea da Agrishow 2009

guardavam suas novidades tecnológicas para apresentar em Ribeirão.

Mas vieram os problemas: sanitários, clima, câmbio, crédito, renda e dívidas...

As “outras” Agrishows não se sustentaram. Algumas feiras são realizadas nos mesmos locais, mas com outros nomes e outros organizadores.

Em 2009, com a ausência dos grandes fabricantes de tratores, que defendem a realização da feira de dois em dois anos, em virtude dos altos investimentos na montagem da exposição, a Agrishow sentiu o baque. Junte-se a isto a insegurança das notícias sobre a mudança da feira para outra cidade, os problemas climáticos, sanitários, de liquidez e renda enfrentados por alguns segmentos do agronegócio, e a própria crise financeira mundial.

O fato é que a feira de Ribeirão Preto aconteceu, apesar de tudo. Expositores menores ocuparam as áreas deixadas pelas grandes e tradicionais montadoras de tratores. O vazio, por maiores que tenham sido os esforços, era evidente. O público, por mais que se tenha tentado atrair, não congestionou as ruas da feira.

Os negócios, apesar da nova linha de crédito lançada pelo Governo Federal, o “Mais Alimentos”, não aconteceram no volume esperado.

A expectativa inicial dos organizadores era manter o mesmo patamar de negócios de 2008, R\$ 800 milhões, e o mesmo público, 140 mil pessoas. Os números oficiais demonstraram queda de 21,8% nas vendas, totalizando R\$ 680 milhões; e 120 mil visitantes, 20 mil a menos.

Para quem foi à Agrishow, para os expositores e para quem circulou pela cidade a impressão que ficou foi diferente. Não havia o clima de festa dos anos anteriores. Nos *outdoors* predominavam propagandas de carros e caminhonetes. Nos restaurantes as filas rotineiras não se formaram. Nas choperias, outra passagem obrigatória dos visitantes em Ribeirão Preto, havia uma pequena espera para provar o mais famoso chopp do Brasil, mas nada comparado aos anos anteriores. Nos hotéis a queda do movimento chegou a 27%. Em alguns, que não haviam fechado reservas com antecedência, o preço cobrado era o de balcão, e não o de alta temporada, que

é o que a feira representa para o setor hoteleiro local.

Segundo Francisco Matturro, da Marchesan, a ausência dos associados da Anfavea, Associação Nacional dos Fabricantes de Veículos Automotores, representou um prejuízo grande para todos os atores da Agrishow. São eles, segundo Matturro, com sua extensa rede de concessionários, que atraem os produtores, pela proximidade e relacionamento. “O único dia em que a feira teve um público que representasse sua importância foi no feriado, dia 1º de maio. Neste dia trabalhamos”, completou.

O espaço deixado pelos grandes fabricantes de tratores foi ocupado por fabricantes de tratores de média e baixa potência, que aproveitaram para conquistar também parte do mercado deixado por eles. As quatro empresas atraíram o interesse do público

e aproveitaram para ampliar os contatos e aumentar o número de revendas na linha de distribuição.

Para 2010 a organização da Agrishow acredita na volta dos fabricantes de tratores e colhedoras. A exposição estática deve sofrer mudanças de *layout*, que atenuarão a disputa pelas áreas mais nobres.

Para Roberto Rodrigues, Presidente do Conselho Superior do Agronegócio da Fiesp, ex-ministro da Agricultura, e um dos criadores da Agrishow, a discussão sobre a mudança de Ribeirão Preto não faz sentido. A cidade continua sendo a “Capital Brasileira do Agronegócio”, principalmente com a modernização da economia brasileira e a crescente industrialização do Brasil. “Hoje no agronegócio mais de 60% do PIB do setor vem do “depois da porteira”: armazenagem, industrialização, comércio e finanças, segmentos crescentes em Ribeirão Preto, e que dão sustentação a tudo o que está “dentro da porteira”. Não há razão lógica nem logística para retirar a feira de Ribeirão Preto. A importância política que a Agrishow adquiriu e conferiu à cidade é imbatível”, completou Rodrigues.

Código Florestal

O Ministro da Agricultura, Pecuária e Abastecimento, Reinhold Stephanes, visitou a Agrishow no último dia da feira e defendeu alterações no Código Florestal Brasileiro, argumentando que hoje a produção agropecuária está mais sustentável do que quando a lei foi instituída, em 1965.

“As tecnologias de manejo vêm sendo alteradas ao longo do tempo. Plantar soja 20, 30 anos atrás, por exemplo, não era sustentável. Hoje já é altamente sustentável, uma vez que protege e recupera o solo e sequestra mais dióxido de carbono. Da mesma forma tivemos diversos avanços na cana”, destacou Stephanes. Segundo ele, o Código precisa ser corrigido, pois algumas das proibições “são absurdas e não têm sentido técnico. Hoje as leis

não deixam produzir e também não protegem”, criticou.

Para fazer as alterações no Código Florestal, Stephanes defende que é preciso ter racionalidade, equilíbrio e fundamentação técnica para aquilo que se exige. “Quero deixar claro que sou a favor de criar condições para o desmatamento zero nos bioma Amazônia e Mata Atlântica. Também sou a favor de recompor as margens dos rios e nascentes, porém, especialmente os pequenos produtores não têm recursos para isso”, afirmou o Ministro.

Entre as alterações que Stephanes julga serem necessárias está a permissão para o plantio de arroz em várzea, e de café, uva e maçã em topos de morros, em áreas já consolidadas.